



OS DESAFIOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DE PESQUISAR COM OS BEBÊS E AS CRIANÇAS PEQUENAS

Gardia Maria Vargas*

Irene Carrillo Romero Beber**

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão em relação aos desafios da pesquisa com bebês e crianças pequenas. Nele são expostas duas experiências de pesquisas etnográficas nas quais se utilizou como instrumento de captura dos dados fotografias, gravações em vídeo e diário de campo. Tais pesquisas evidenciam a importância das interações entre pesquisador e pesquisados, apontando que estar com as crianças e capturar suas experiências envolve uma atitude de escuta, presença sensível e disponível ao outro. Concluímos que pesquisar com crianças engloba acolhimento, olhares, gestos, toques e emoções em uma perspectiva ampliada para além da comunicação oral, uma intercorporeidade que se dá no plano dos afetos.

Palavras-chave: Pesquisa com bebês. Desafios metodológicos. Fenomenologia. Crianças pequenas.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta reflexões acerca da pesquisa com crianças de 0 a 3 anos em espaços de vida coletiva. O texto procura evidenciar as contribuições da abordagem fenomenológica para os estudos da infância a partir de duas pesquisas de doutorado. As pesquisas investigaram a educação de bebês e de crianças bem pequenas em espaços de vida

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Rede Privada de Porto Alegre (RS). E-mail: gardia.vargas@gmail.com.

** Mestre em Educação e Cultura pela Universidade de Desenvolvimento de Santa Catarina (UDESC) e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: irenebrbeber@gmail.com.

coletiva. Ambos os estudos tiveram como foco temático a corporeidade e a experiência como forma de nos constituirmos – adultos e crianças – como seres do mundo.

Os dois estudos se estruturaram na dinâmica de investigar o mundo-vida, as experiências e os sentidos e significados de educar crianças de 0 a 3 anos em instituições de educação infantil; refletem sobre os desafios teórico-metodológicos de pesquisar com os bebês e as crianças pequenas e o uso de técnicas que permitam capturar as nuances e intencionalidades das experiências do corpo em movimento.

As pesquisas que serviram de referência para essa discussão é Beber (2014) e Vargas (2014) e se inscrevem no grupo de pesquisas GEIN – Grupo de Estudos em Educação Infantil – UFRGS, que motivado pela urgência em se produzir reflexões que amparem as práticas educativas com as crianças desse grupo etário, vem desenvolvendo vários estudos no âmbito acadêmico nas três últimas décadas. Os estudos produzidos no grupo procuram tirar os bebês e as crianças pequenas do estado de invisibilidade, evidenciando através das narrativas das suas experiências, as suas potências e modos de ser e estar no mundo.

As reflexões sinalizam para a importância de estudos que evidenciem as dinâmicas que envolvem as complexas relações entre adultos e crianças nos espaços e tempos das instituições de educação infantil, uma vez que esses espaços devem se constituir em ambientes de cuidado e educação, que busquem efetivar o direito das crianças de serem crianças e viverem suas infâncias.

O apoio das agências de pesquisa para o desenvolvimento desses estudos, tem sido fundamental, pois possibilita pensar que muitas investigações acerca da inserção e educação das crianças bem pequenas em instituições de educação infantil, inquietam os profissionais que trabalham com a primeira infância. Dois exemplos contundentes dessa interlocução entre a pesquisa e a prática cotidiana, no âmbito mundial, são as experiências de Reggio Emilia em que a documentação e a sistematização dos processos pedagógicos são alvo de pesquisa por vários países, que tem se utilizado dessa experiência para fomentar a pesquisa de práticas pedagógicas que valorizem o protagonismo infantil; e o Instituto de Lócky na Hungria, que nos últimos 30 anos tem apresentado ao mundo as experiências de cuidado e educação com crianças bem pequenas.

Sendo assim, esse texto procura refletir sobre os desafios metodológicos de pesquisar com bebês e crianças pequenas trazendo como método de investigação a abordagem fenomenológica. Acreditamos que essa abordagem se apresenta como um instrumental metodológico enriquecedor para pesquisar as relações e as experiências no interior de instituições de educação infantil.

A fenomenologia, enquanto forma de pesquisar e conhecer uma realidade, se propõe a captar e expressar os sentidos e significação das experiências vividas pelos atores que compõem a pesquisa, pela descrição densa dos processos vividos. No entrelaçamento entre o pesquisador e os atores sociais é que se tecem fios condutores da pesquisa, nessa abordagem, ao tecerem esses fios que se entrelaçam, sem divisão, expressam o sentido das experiências vividas.

Sendo assim, nesta abordagem, pesquisar implica em assumir uma postura investigativa que visa à elucidação de vivências, tais como emoção, percepção, aprendizagem ou imaginação, a partir da experiência comum e pela reflexão. Uma vez que é justamente a apreensão da realidade, a partir de um sentido intencional, que a pesquisa fenomenológica almeja acessar, ou seja, alcançar o significado da realidade e do mundo do sujeito, através dele como ator e protagonista da própria vivência.

Esse modo de conceber a ação de pesquisa traz à tona a complexidade entre envolvimento e distanciamento e de como o momento de estar com as crianças abrange uma perspectiva de escuta, uma presença sensível e disponível ao outro que envolve olhares, gestos, toques e emoções. As autoras sinalizam para a importância de se considerar que pesquisar com as crianças é assumir uma dimensão corpórea e constituir uma relação ativa de acolher as interações numa perspectiva ampliada, que se propõe a ir além da comunicação oral, constituindo-se numa intercorporeidade que se dá no plano dos afetos.

2 A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA EM PESQUISAS COM CRIANÇAS

A pesquisa com crianças nos coloca o desafio de operar no plano dos afetos e alargar o entendimento histórico que se tem na academia da racionalidade científica, pela qual se estabelece um processo de distanciamento entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Porém, o campo de pesquisa, a experiência de estar com as crianças cotidianamente nos possibilitou questionar: Como pesquisar com crianças e não se envolver intensamente com elas? Como operar o necessário distanciamento no momento da escrita? Como descrever densamente cenas e episódios na dimensão dos afetos?

Estes dois estudos sinalizam que é possível operar outras formas de construir a pesquisa em que haja acolhida ao outro, desde que nos coloquemos numa relação de alteridade, que reconheçamos a capacidade das crianças para nos ensinar muitas coisas sobre elas e suas culturas.

Para operar com os instrumentos metodológicos da fenomenologia, parte-se do contexto ontológico da experiência – a condição humana de viver e aprender em relação com o outro. O paradigma epistemológico da fenomenologia opera no sentido de explicitação do real, tornando visível ao pensamento os acontecimentos, as experiências, sem forçá-las à estabilidade que só é possível numa perspectiva racional de ciência.

Hannah Arendt (2005) argumenta ao desenvolver seu pensamento sobre a ação, que através da visibilidade concedida pela conceituação o que existe torna-se tangível na realidade do ser, o saber prévio de que essa tangibilidade é sempre e inexoravelmente insólita e fugaz é onde opera a perspectiva fenomenológica. O real, no qual se insere a ação, a experiência, ou seja, os acontecimentos do mundo-vida, é por essência ilimitável, uma vez que jamais comparece ao homem como uma coisa bruta, rígida, senão como o próprio resultado da tessitura do acontecimento humano.

Estudos nessa perspectiva envolvem um olhar atento e sensível a tudo que circunda a investigação, além de serem de grande complexidade, pois envolvem a narrativa dos acontecimentos e exige grande rigor para que não caiam no que apontam como problema, definir ações e experiências como verdades e princípios consolidados.

Nesse sentido, as pesquisas de abordagem fenomenológica estruturam a investigação partindo de duas posições: olhar e enxergar para fora de nós, a fim de tentar conhecer os problemas que o mundo em que vivemos nos coloca; olhar e enxergar para dentro de nós, para ver dinamismos, vivências e repercussões do mundo em nós – nossos vividos. Essa atitude de pesquisar se traduz na busca pela compreensão do sensível e tem sentido ao propor um estudo que centre o interesse no fenômeno, o qual não é um objeto, mas sim uma vivência, uma experiência. As crianças nos espaços de vida coletiva estão experimentando e vivenciando experiências ao interagirem com o outro, seja esse outro adulto ou criança.

Desta forma, acredita-se que para pesquisar com os bebês e crianças bem pequenas seja necessário adotar uma postura que nos permita, de modo sensível, adentrar em seu universo, fazer parte de suas vivências e captar a forma como estão elaborando significados de suas experiências educativas. Uma vez que essa modalidade de pesquisa confere subsídios para que possamos observar as crianças nas diversas relações que estabelecem com outras crianças e adultos, em seu cotidiano, em espaços de vida coletiva.

Os estudos fenomenológicos vão além de uma simples filosofia do sujeito cognoscente, apelando a uma oferta do mundo que, por sua vez, se vê transbordada por uma ontologia do ser, no momento em que este se dá a conhecer, se revela. Pesquisar com bebês e

crianças pequenas implica se questionar: Como se revelaram os bebês e as crianças bem pequenas? Como constituem seus diálogos, suas respostas, suas linguagens?

Sendo assim, a abordagem de pesquisa, a descrição densa dos episódios, a narrativa, são instrumentos que se somam no sentido de buscar o desvelamento das crianças e suas singularidades e subjetividades.

Uma vez que, a intencionalidade é o postulado básico da fenomenologia, nesse sentido, toda consciência é intencional, é consciência de alguma coisa, ou seja, visa a algo fora de si. Com essa postura se retoma a humanização da ciência, estabelecendo uma nova relação entre o sujeito e o objeto, o ser humano e o mundo, como polos que não podem ser separados. Não há pura consciência, separada do mundo, porque ela tende para o mundo. Não há objeto em si – quem confere um sentido e um significado ao objeto é sempre e necessariamente o sujeito, com a sua intencionalidade.

Para desenvolver um método de pesquisa que permita observar o fenômeno desejado, é necessário esforço ético e rigor. Para tanto, ao propor este trabalho, nos voltamos ao outro, ao estudo do humano, que não pode ser separado dos demais fatos do cotidiano. Existe, nesse sentido, a analogia entre observador e observado, a integração dialética entre o eu e o outro; reafirma-se, assim, uma reciprocidade no ato de observar, ou seja, observador e observado não são polos destacados, mas interatuantes.

Do ponto de vista epistemológico, a fenomenologia é contrária às ideias que isolam o sujeito ou o objeto para o desenvolvimento de estudos, concebendo-os como correlacionados. Há, portanto, o entendimento que numa relação entre sujeito e objeto, um não pode existir sem o outro. O princípio fenomenológico é centrado no ser humano, especificamente na análise do significado e relevância da experiência humana.

O ponto de partida da investigação fenomenológica é a compreensão do viver do próprio homem. O homem, segundo Masini (1989), imprime sentidos ao mundo com suas intencionalidades, elaborando significações sobre tudo aquilo que vai experienciando em sua existência. Ao estabelecer significações para os objetos e vivências que analisa e interpreta, o homem une-se a eles. Essa forma de interpretar a experiência humana e a relação do homem com o mundo e seus sentidos e significados é o que fazem as crianças e, a escola precisa entender isso para buscar uma compreensão delas e da importância de suas experiências para a sua formação.

Merleau-Ponty (1999) aponta que a fenomenologia é, então, um caminho consistente, dado que não se trata de uma fenomenologia transcendental ou idealista, que busca uma essência, mas uma filosofia que busca o significado da experiência vivida. Nesta perspectiva,

tanto o sujeito colaborador como o pesquisador são entendidos como seres intrinsecamente interligados ao mundo, que é sua própria história e sua possibilidade de transfiguração: o mundo já não é considerado como objeto, assim como o sujeito colaborador ou o pesquisador já não são vistos apenas como sujeitos; ambos são, simultaneamente, sujeito e objeto.

Portanto, esta perspectiva sinaliza a necessidade de uma nova postura na educação das crianças, na qual haja uma escuta mais atenta aos movimentos humanos e à criação de novos repertórios de mediação pedagógica. Uma vez que a ação educativa implica numa relação, é estar com o outro em um espaço de vida coletiva.

Ambos os estudos buscaram nos momentos de observação captar os processos de significação e elaboração de sentido pelos bebês e as crianças bem pequenas que ocorrem nas experiências vividas na escola infantil – um espaço coletivo – olhando assim para as subjetividades, sem perder de vista o singular e o plural. Conforme Lévinas (1998) a partir de uma análise fenomenológica, a subjetividade se reconstrói como uma estrutura de acolhimento ao outro. Nesse processo de reconstrução, a subjetividade é vista a partir da alteridade do outro, contrapondo a ideia de centralidade de um sujeito autônomo e soberano, o que dispõe a subjetividade em termos de acolhimento, hospitalidade e responsabilidade pelo outro.

3 A ETNOGRAFIA E O ESTUDO DA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DOS BEBÊS E DAS CRIANÇAS BEM PEQUENAS

Inicialmente, o método etnográfico tem sua história fundada na investigação dos costumes de outras sociedades e culturas. Desenvolveu-se a partir das expedições de exploradores no “mundo novo”, como também da emergência de novas disciplinas acadêmicas durante o século XIX, na Europa. Este corresponde ao método “objetivo” e descritivo da antropologia, sob o paradigma de Malinowski (1978) e vários outros autores. Durante o desenvolvimento do método, que se afirmava como “objetivo” e “positivo”, vários autores pontuaram sua história e a sua aplicação.

No decorrer do tempo, passou-se a assumir que a objetividade do método etnográfico, defendida pelo estruturalismo de Lévi-Strauss (1976), era inviável. As críticas foram fundadas por teóricos como Clifford Geertz (1989), que defende a aceitação de uma abordagem subjetiva em qualquer empreendimento etnográfico.

A partir dessas críticas, a abordagem etnográfica se desdobra por outros meios, com a proposta de antropologia interpretativa ou mesmo da utilização de recursos audiovisuais para

o registro etnográfico, como no caso da antropologia visual. Geertz (1989) foi o precursor da corrente interpretativa antropológica, ao conceber a cultura como o universo de símbolos e significados, os quais permitem aos indivíduos interpretar a experiência e guiar suas ações, sendo a cultura o contexto no qual se constroem as realidades sociais e psicológicas. O conceito de cultura que o autor defende é essencialmente semiótico, uma vez que compreende o ser humano como um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, de modo que a cultura corresponde a essas teias e sua análise. Geertz (1989, p.15) aponta a cultura e seu estudo “não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.”

Assim, o objetivo da Antropologia é entender o significado da experiência dentro de um quadro cultural amplo, sendo a etnografia o método por excelência da antropologia. O objetivo da fenomenologia, por sua vez, é compreender o significado da experiência vivida, ao entender que indivíduo e cultura – como uma dimensão do mundo – são mutuamente constituídos. Nesse sentido, cremos que o método fenomenológico, com base em Merleau-Ponty, muito se aproxima da etnografia interpretativa. É possível destacar que ambas as perspectivas, tanto a fenomenológica como a etnográfica, entendem experiência não como um fluxo natural ou instintivo do ser humano, mas como um fenômeno intersubjetivo, que se dá na interseção do ser humano com o mundo.

Ambas as abordagens, etnográfica e fenomenológica, apresentam a descrição densa como método de análise e apresentação dos dados. Com uma postura convergente, defendem que o pesquisador precisa ter clareza de seu envolvimento e não distanciamento do que estuda, de forma que precisa primeiramente apreender para depois apresentar seus dados.

Desta forma, em ambos os estudos foram aplicados dois instrumentos: a observação e a descrição fenomenológica (integrante do método fenomenológico tradicional e que comumente se realiza com entrevistas); e o diário de campo, fruto da observação participativa (integrante do método etnográfico, realizada na imersão do pesquisador no campo de investigação).

Em se tratando de bebês e crianças bem pequenas optamos, por não usar o método convencional de entrevista, mas sim uma observação junto, que relaciona uma linguagem de corpo às emoções nos momentos de interações. Essa forma de coleta de dados possibilitou a análise fenomenológica dos diálogos corporais com os bebês e as crianças bem pequenas, bem como a análise cultural das experiências desses sujeitos e de suas educadoras, produto do diário de campo, para uma discussão final dos resultados. Também foi utilizado o registro através de filmagens e fotografias, produzindo assim uma etnografia visual.

4 A OBSERVAÇÃO, A ESCUTA, A DESCRIÇÃO E A DIMENSÃO DOS AFETOS

Como já indicado anteriormente as duas pesquisas se apoiam nos pressupostos da etnografia e da fenomenologia que pressupõe a observação densa e a descrição como recursos indispensáveis para desenvolvimento dos processos de pesquisa. Assim, a constituição dos dados se processa a partir da observação direta com auxílio de filmagens, fotografias e anotações no diário de campo, com os quais buscou-se ampliar as possibilidades de compreender como as crianças vivenciam sua corporeidade e como pelas ações autônomas e criativas produziram sentido aos seus fazeres, significando os objetos e os espaços.

Através de uma observação atenta, os estudos descreveram o que vivenciaram na relação com as crianças e as professoras participantes da pesquisa para, então, construir um discurso, isto é, um dizer daquilo que foi vivido, que emergiu dessa experiência. Outro aspecto a considerar é que a descrição já é, em si, um ato interpretativo, uma vez que, ao descrever, já se revelam contextos de remetimentos pela escolha das palavras, pela maneira de organização do texto, pelo reconhecimento do modo de ser do outro que está sendo observado e do modo de ser daquele que observa e descreve.

O registro em vídeo e as fotografias foram utilizados como mais um recurso técnico para aproximação dos fazeres das crianças, dos seus movimentos, de suas brincadeiras e da forma em que estas ocupavam os espaços e produziam sentido ao mundo e as coisas. Estes recursos técnicos foram fundamentais na captura de detalhes para compor as descrições das cenas e episódios que tiveram o intuito de compreender as relações criança-criança e criança-professora. Na captação de imagens foram utilizadas a câmera fotográfica e a filmadora. Ao longo do processo de observação estes instrumentos foram sendo testados e repensados quanto ao seu uso, a atitude de escuta aos sujeitos permitiu afinar o uso destes materiais.

O recurso do diário serviu como um elemento de reflexão sobre o acontecido no campo, destacando episódios marcantes, bem como elementos importantes a serem observados nos momentos seguintes. Também permitiu a reflexão sobre as observações, o registro do vivido com as crianças, além dos processos e relações entre as crianças e os adultos. Os relatos proporcionaram a análise sobre as ações das crianças, “o corpo em ação”, as narrativas “capturadas e descritas” e o que as crianças apresentavam com seus corpos em movimento.

Sendo assim, a descrição densa foi resultante do olhar fenomenológico e da escuta sensível, propiciados pelos processos de aproximação e de abertura para compreender e

interpretar o fenômeno observado. O desafio proposto pela descrição densa se constituía num constante desafio de não apenas buscar capturar as imagens das cenas, mas também descrevê-las no diário de escrita. Estas multiplicidades de nuances se somaram na tentativa de capturar as ações das crianças e suas movimentações.

No decorrer das análises e descrições, apesar do necessário distanciamento para a teorização da experiência de pesquisa, mesmo com todo o esforço, permaneceu sempre presente a marca da emoção de observar e estar com as crianças numa relação corpórea, uma intercorporeidade, um processo marcado pela observação intensa e afetiva com as crianças.

Portanto, as narrativas das cenas trazem a dimensão dos afetos, uma vez que todo tempo eles se atravessaram no decorrer do processo, tanto no momento da captura das cenas, como no momento da elaboração das narrativas e análises. Em muitas situações os afetos se atravessaram: o vivido com as crianças, o que ficou detido na memória e marcado no corpo, o narrado no diário de campo e o que as cenas gravadas nos revelavam tempos depois e as emoções vividas na cena.

Outro aspecto importante na composição das análises, diz respeito à opção pela descrição na forma de narrativa com o uso de imagens como um recurso. A produção da narrativa foi elaborada através das análises das cenas capturadas. Portanto, a tessitura da escrita se dá neste entrelaçar entre as memórias do vivido, o narrado na escrita do diário e a interpretação das cenas gravadas. Essas diferentes percepções se complementam na composição do texto, bem como nas análises e reflexões que delas emergem.

Para Clandinin e Connelly (2011, p. 18) “A pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, de reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas também aquelas dos pesquisadores.” Nesta perspectiva de pesquisa, os autores sinalizam que “as pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros” (Ibid, p. 27).

Os autores inspirados em Catherine Bateson afirmam que: “a narrativa nos permite aprender”. Segundo os autores: “Para Bateson, aprender é transformar-se. A continuidade é o resultado porque as pessoas improvisam e adaptam, quer dizer elas aprendem” (Ibid, p. 36). Eles ainda afirmam que “é a narrativa que permite a Bateson aprender, como antropóloga e sua narrativa também nos permite aprender” (Ibid, p. 37). Portanto, a partir das narrativas procuramos destacar que a presença da criança é corpórea, ela apreende o mundo em rotas de movimentação e através delas interage com o meio físico e social.

A experiência de campo nos possibilitou compreender que pesquisar com crianças, implica numa relação de estar de corpo inteiro com elas, vivenciar uma intensa conexão corporal que se configura em uma intercorporeidade. Ocupar o espaço de observação pressupõe interferir nele com sua presença¹, envolver-se com os sujeitos, afetar e ser afetado por eles.

O olhar em perspectiva para as ações das crianças possibilitou-nos apreender a criança como ser competente, que produz saberes e interage com o mundo. Para Malaguzzi (1999, p. 83) numa pedagogia da escuta, o desafio dos professores é:

Ingressar na estrutura de tempo das crianças, cujos interesses emergem apenas no curso da atividade ou das negociações que surgem dessa atividade. Devem perceber que escutar as crianças é tanto necessário quanto prático. Devem saber que as atividades devem ser tão numerosas quanto às teclas de um piano, e que todas envolvem atos infinitos de inteligência quando as crianças recebem uma ampla variedade de opções para escolher.

Nesta perspectiva os professores “seguem as crianças e não seguem os planos. Os objetivos são relevantes e não serão perdidos de vista, mas o porquê e como se chegar até eles são mais importantes” (Ibid, p. 100):

Há que descobrir cem sinais potentes e vitais das crianças que a escola de educação infantil envia ao mundo dos adultos, para que este mundo aprenda a entender quais os códigos de suas próprias linguagens que convergem em uma paixão muito grande de viver e de conhecer. (MALAGUZZI, apud HOYELOS, 2004, p. 322).

Acrescenta o autor que deveríamos ver e imaginar melhor a natureza, a qualidade dos processos e a multiplicidade das intervenções e contribuições, as intencionalidades, a memória, a corporeidade, o uso do raciocínio, o tato, a simbolização, a fantasia, a emoção, a sociabilidade e a tenacidade das crianças.

Segundo ele, essas são capacidades que as crianças possuem para fazer frente às pressões, aos modelos e as tensões do meio físico e social, para defender seus próprios espaços de liberdade, de expressão, de crítica e gosto pessoal. Nestes estudos, evidenciou-se que essas capacidades são manifestadas nas rotas de movimentação, ou seja, pelas narrativas é

¹ Biesta (2013) trata sobre a questão da presença ao abordar sobre a “morte do sujeito”. Para o autor, na modernidade o “sujeito era visto como a fonte autônoma, pré-social e trans histórica da verdade, da racionalidade e de sua identidade” (p. 55), porém, a morte do sujeito “orgulhosamente proclamada urbi et orbi, há não muito tempo, foi sucedida por um novo e difundido interesse em questões sobre a subjetividade e identidade” (Ibid, p. 55). Argumenta o autor que “nos tornamos presença por meio de nossas relações com os outros que não são como nós”. O que nos torna únicos nessas relações, o que nos constitui como seres singulares e únicos, deve ser encontrado na dimensão ética das relações (BIESTA, 2013, p. 56).

possível afirmar como as crianças utilizam suas “cem linguagens”, narram sua existência, conhecem e se lançam nos processos de iniciação aos mistérios do mundo.

5 PALAVRAS FINAIS

Os dois estudos buscam oferecer um entendimento do que seja a ação de *pesquisar com as crianças e não sobre as crianças*. O que implica numa investigação policromática e multifacetada, ou seja, perceber que nós adultos não conseguimos compreender o mundo do ponto de vista das crianças e necessitamos que elas nos mostrem.

Para tanto, a interação se torna um fator preponderante nos processos de pesquisa e esta relação se efetiva pela via corporal, numa relação de afetos e numa atitude de escuta, ou seja, depende de um longo processo em que podemos gradativamente estar rompendo as barreiras para adentrar em seu universo.

No entanto esta forma intensa de se relacionar com as crianças necessita igualmente uma atitude de vigilância epistemológica, para que não nos escape a capacidade de reflexão, de pensamento e crítica, fundamentais nos processos de teorização das experiências vividas e que nos permita perceber o inusitado, sem perder a capacidade de análise e síntese das experiências exigidas pelo método científico.

Igualmente é importante perceber em que medida a dimensão dos afetos interfere na geração dos dados. Portanto, importa sim destacar a emoção como um elemento presente na construção dos laços, mas este envolvimento precisa de um ponto de equilíbrio, ou seja, para operar no plano dos afetos implica numa constante tensão entre o processo de envolvimento e convívio com as crianças e um necessário distanciamento para a produção da escrita.

Sendo assim, os instrumentos da pesquisa etnográfica fenomenológica nos ajudam a nos aproximar do universo infantil, mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Estes dois estudos trazem como contribuição para os estudos da infância a observação e atitude de escuta como elementos centrais no processo de investigação, e, que pesquisar com bebês e crianças bem pequenas, nos permite construir processos de pesquisa centrados na emoção e numa relação corporal.

Nesta abordagem os recursos tecnológicos como o uso do registro de imagens das cenas é um recurso importante, porém sem uma atitude de escuta, uma presença atenta e uma relação corpórea – intercorporeidade – não se consegue capturar a dimensão presente nas cenas e episódios. Portanto a ação de investigar as intencionalidades das crianças implica

reconhecer as suas potências de conhecer, interagir e produzir sentidos ao mundo, sem esta compreensão não se consegue adentrar no mundo infantil.

Estes dois estudos trazem elementos importantes para a pesquisa com bebês e crianças bem pequenas, que acreditamos serem importantes contribuições para novos desafios e novas experiências de pesquisa.

THEORETICAL-METHODOLOGICAL CHALLENGES IN RESEARCH WITH BABIES AND SMALL CHILDREN

ABSTRACT

This article presents a reflection about the challenges of researching on babies and young children. It addresses two ethnographic research experiments in which pictures, video recordings and field diary were used as data gathering. These studies show the relevance of the interactions between researchers and research subjects, pointing out that being with children and capturing their life experiences depend on a listening attitude and a sensible availability posture toward others. We conclude that researching on children comprehend an welcoming posture, looks, gestures, touches and emotions in a broader perspective beyond the oral communication, constituting an intercorporeality that occurs at the level of affection.

Keywords: Research with babies. Methodological challenges. Phenomenology. Young children.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BEBER, Irene Carrillo Romero. **As experiências do corpo em movimento das crianças pequenas: reflexões para a pedagogia da infância**. Tese (Doutorado em educação). Programa de Pós-Graduação em Educação- UFRGS, 2014.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY F. Michael. **Pesquisa narrativa: experiências e história qualitativa**. Uberlândia: EDUFU, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOYELOS, Alfredo. **La ética en el pensamiento y obra de Loris Malaguzzi**. Barcelona: Octaedro- Rosa Sensat, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Structural Anthropology II**. New York: Basic Books, 1976.

LÉVINAS. E. **Descobrimo a existência com Husserl e Heidegger**. (1947). Tradução Fernanda Oliveira. Lisboa - Portugal: Instituto Piaget, 1998.

MALAGUZZI, Loris. História, Ideias e Filosofia Básica. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C.; FORMAN, G. **As Cem Linguagens da Criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VARGAS, Gardia Maria Santos de. **Bebês em suas experiências primeiras**: perspectivas para uma Escola da Infância. Porto Alegre, 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Recebido em: 31 de maio de 2015.

Aprovado em: 17 de agosto de 2015.